



# GNOSE

## IGREJA GNÓSTICA DO BRASIL

Tradição: Huiracocha  
Patriarca: Tonapa



ANO VI - N.º. 66

Arcanjo da Estação Inverno: GABRIEL

Setembro 2008

Rua Sabóia Lima, 77 Tijuca - Tel.: 2254-7350 Rio de Janeiro – RJ Cep: 20521-250.  
Home page: <http://www.fra.org.br/> E-mail: [fraternitas@fra.org.br](mailto:fraternitas@fra.org.br)

### A VOZ DO PATRIARCA

#### Crata Repoa Batalha das Sombras Quarto Grau – Cristóforo

O tempo da cólera durava ordinariamente 18 meses. Uma vez decorrido, o Tesmóforo vinha ver o Iniciado, saudava-o graciosamente e o convidava a segui-lo, depois de tê-lo munido de uma espada e de um escudo.

Percorriam galerias sombrias. De repente, homens com mascaradas horríveis, cercados de serpentes e empunhando fachos, atacavam o Iniciado, sob os gritos de "Panis"!

O Tesmóforo incitava-o a afrontar os perigos e a vencer todos os obstáculos. Defendia-se com coragem, mas sucumbia ao número de assaltantes; vendavam-lhe então os olhos e lhe passavam uma corda em torno do pescoço, por ela o arrastavam pelo chão até a sala onde devia receber um novo grau.

Os mascarados se afastavam subitamente, lançando novos gritos.

O extenuado candidato era então erguido do solo e introduzido na assembléia, onde mal podia manter-se de pé. Restituíam-lhe a luz, e seus olhos se abriam para ver as mais deslumbrantes decorações, a mesa oferecia a reunião dos mais belos quadros. O próprio rei sentava-se ao lado do Demiur-

go (Chefe, inspetor da sociedade)

Abaixo dessas altas personalidades sentavam-se o "Estolista" (purificador ou pela água); o "Hierostolista" (secretário); o "Zacoris" (tesoureiro); e o "Komastis" (encarregado dos banquetes)

Todos ostentavam a "alideia" (condecoração egípcia).

O Odos (orador, cantos) (F) pronunciava um discurso, no qual felicitava o novo Cristóforo por sua coragem e resolução, convidava-o a perseverar porque não fizera até então senão parte do que deveria fazer para provar sua capacidade.

Apresentavam-lhe uma taça cheia de uma bebida muito amarga, chamada Cice, devia sorvê-la toda.

Revestiam-no de ornamentos diversos. Recebia o escudo de Isis ou o de Minerva, calçavam-lhes os borzequins de Anubi (o mesmo que Mercúrio) e cobriam-no com o manto de Orci, com o seu capuz.

Ordenavam-lhe que tomasse de uma cimitarra que lhe era apresentada, para degolar um individuo que encontraria no fundo de uma caverna próxima, na qual devia penetrar, trazendo ao rei a cabeça do morto. No mesmo momento gritavam todos os presentes: "Niobe, eis a caverna do inimigo!"

Ao entrar nessa caverna, percebia o vulto de uma linda mulher, feita de peles muito finas, ou de bexigas, e tão artisticamente que parecia estar viva. (G).

O novo Cristóforo aproximava-se dela,

segurava-a pelos cabelos e cortava-lhe a cabeça, que apresentava ao rei e ao Demiurgo. Depois de aplaudirem seu feito heróico, diziam-lhe que degolara “Gorgo” (Gorgo, Gorgal e Gorgona são os nomes egípcios de Medusa), esposa de Tifão, que havia causado o assassinato de Osiris. Aproveitavam essa circunstância para fazê-lo prometer que vingaria sempre o mal.

Recebia em seguida autorização para se vestir com novos hábitos que lhe apresentavam.

Seu nome era inscrito em um livro onde se encontravam os de todos os juizes do país.

Gozava de livre intercambio com o rei e recebia da corte o alimento diário.

Entregavam-lhe, com o código das leis, uma condecoração que não podia usar senão quando da recepção de um Cristóforo ou unicamente na cidade de Saís.

Representava essa condecoração Isis ou Minerva sob a forma de um mocho. Essa alegoria lhe era assim explicada; o homem, quando nasce, é cego como o mocho e só se torna homem com o auxílio da experiência e das luzes da filosofia.

O capacete significava o mais alto grau da sabedoria, a cabeça de Gorgo, cortada, a repressão das paixões; o escudo, a legítima defesa contra a calúnia; a coluna, a firmeza; o cântaro de água, a sede das ciências; a aljava cheia de flechas, o poder da eloquência; o pique, a persuasão levada ao longe, isto é, por nossa reputação podemos, a grande distância, causar uma impressão profunda; os ramos de oliveira e as folha de palmeiras eram os símbolos da paz.

Ensinavam-lhe, mais, que o nome do grande legislador era Jaho. (H).

Esse nome era a palavra de ordem do grau.

Os membros dessa assembleia as vezes se reuniram e a essas reuniões só os Cristóforos podiam ser admitidos.

O capítulo que então formavam era denominado Pixon.

O Iniciado devia aprender a língua amúnica, que era a língua misteriosa. Tendo o recipiendário percorrido os pequenos mistérios, que tinham por escopo prepará-lo, instruindo-o nas ciências humanas, chegava ao momento da doutrina sagrada, denominada “a grande manifestação da luz”, que dentro em breve não teria mais segredos para ele.

### **Quinto grau - “Balahata”**

O Cristóforo tinha o direito de exigir esse grau, que o Demiurgo não lhe podia recusar.

Conduzido, primeiramente, ao local onde a assembleia tinha lugar, era recebido por todos os membros.

Introduziam-no em seguida em uma outra sala, disposta para uma representação teatral. Lá ele era, de certo modo, o único espectador, porque todos os demais presentes tomavam parte na ação.

Um personagem chamado “Orus”, acompanhado de vários “Balahatas” conduzindo facho, andava pela sala e parecia procurar alguma coisa. “Orus” puxava de uma faca no momento em que chegava a porta de uma caverna de onde saiam chamas.

O assassino Tifão estava ao fundo dessa caverna, sentado, com ar abatido.

“Orus” dele se aproximava, Rifão levantava-se com um aspecto aterrorizante, com cem cabeças que caíam-lhe sobre os ombros, todo o seu corpo estava coberto de escamas e os braços tinham, um comprimento desmesurado. Sem se deixar amedrontar por esse terrível aspecto.

Depois de tê-lo decapitado, lançava a faca na caverna, da qual não cessavam de sair torrentes de fogo, e sem proferir uma única palavra, mostrava a todos os assistentes a horrórida cabeça policéfala.

Terminava essa cerimônia pelos esclarecimentos que sobre ela davam ao novo “Balahata” e que compreendia a explicação dessa cena alegórica.

Ensinavam-lhe que Tifão significava o fogo, que é um dos mais terríveis agentes e

sem o qual, entretanto, nada se poderia fazer neste mundo, que “Orus” era o emblema do trabalho e da indústria, com a ajuda dos quais o homem realiza grandes empreendimentos, conseguindo dominar os metais. Podia assistir quando quisesse as pesquisas e experiências que faziam nessa ciência.

Por essa razão é que a palavra de ordem era “Chymia”.

### **Sexto grau – A astronomia diante da porta dos Deuses.**

Algumas preparações precediam esse grau.

Começavam por agrilhoar o Iniciado a sua entrada na sala.

O Tesmóforo o conduzia a Porta da Morte, onde devia descer quatro degraus porque a caverna que servia para essa recepção era a mesma onde se realizara a iniciação ao terceiro grau, e que se achava então cheia d'água para fazer flutuar a barca de Caronte.

Ataúdes colocados em vários lugares eram vistos pelo Iniciado. Diziam-lhe que tais esquifes continham os restos mortos de homens condenados a morte por terem traído a sociedade.

Ameaçavam-no de sorte igual se cometesse crime semelhante. Era levado ao meio da assembleia para prestar um novo juramento.

Feito isso, explicavam-lhe a história da origem dos deuses, objetos da adoração do povo, com auxílio dos quais mantinham, e dirigiam a credulidade popular; faziam-lhe sentir, ao mesmo tempo a necessidade de conservar o politeísmo para o vulgo. ( I )

Desenvolviam em seguida as idéias que lhe tinham sido apresentadas no discurso de recepção ao primeiro grau, sobre os elementos da doutrina de um único ser que abrangia todas as épocas, presidia a unidade, a admirável regularidade e que, por sua natureza estava acima da compreensão do espírito humano.

Esse grau era consagrado a ensinar ao Neófito os conhecimentos práticos da astronomia.

Era obrigado a assistir as observações feitas a noite e a concorrer aos trabalhos que elas exigissem.

Tinham o cuidado de previ-lo para se por em guarda contra os astrólogos e os tiradores de horóscopos, porque considerando-os autores de idolatria, da superstição, a sociedade misteriosa tinha por ele aversão. ( K )

Esses falsos doutores do povo haviam escolhido a palavra “Phoenix” para sua palavra de ordem, palavra que os astrónomos ridicularizavam.

Depois da recepção, conduziam o Iniciado para a Porta dos Deuses e o introduziam no Panteon, ele aí via todos os deuses representados por magníficas pinturas. O Demiurgo lhe contava a história de cada um deles, sem lhe ocultar coisa alguma,

Punham-lhe sob os olhos a lista de todos os chefes-inspetores na ordem em que haviam existido, assim como o quadro de todos os membros da sociedade esparsos pelo mundo ( L )

Ensinavam-lhe também a dança dos sacerdotes, cujos passos figuravam o curso dos astros.

A palavra de ordem era Ibis, que significava Grou e simbolizava a Vigilância.

### **Sétimo grau - Profeta ou “Saphenat Pancah”, O homem que conhece os mistérios.**

Esse grau era o último e o mais eminente. Nele era dada uma explicação completa e mais detalhada de todos os Mistérios.

O astrónomo não podia obter esse grau, que completava sua aptidão a todas as funções, mesmo públicas e políticas, sem o assentimento do Rei e do Demiurgo e mesmo sem o consentimento geral dos membros inferiores da sociedade.

Essa recepção era seguida de uma proclamação pública, a qual davam o nome de “Pamylach”. Nela expunham a vista do povo todos os objetos sagrados.

Terminada a procissão, os membros da sociedade saíam clandestinamente da cidade, durante a noite, iam para um lugar vizinho, e aí se reuniam em casas de formato quadrado, constituídas de vários apartamentos ornados de pinturas admiráveis, representando a vida humana.

Essas casas eram chamadas “Maneras”, porque o povo cria que os Iniciados estavam em comércio particular com os manes dos mortos, eram ornadas de um grande número de colunas, entre as quais se encontravam ataúdes e esfinges.

Quando aí chegavam, apresentavam ao novo profeta uma bebida denominada “Oimellas” e lhe diziam que havia chegado ao termo de todas as provas. ( M )

Recebia em seguida, uma cruz cuja significação era particular (N) e conhecida unicamente pelos Iniciados. Era obrigado a trazê-la consigo permanentemente.

Davam-lhe então uma linda roupa branca, raiada, muito ampla, a que chamavam “Etangi”.

Raspavam-lhe a cabeça, e o toucado que usava era de forma quadrada

O sinal principal era feito cruzando as mãos nas mangas do hábito, que eram muito largas.

Tinha permissão para ler todos os livros misteriosos escritos na língua amúnica, dos quais lhe davam a chave, que chamavam a “Viga Real”

A maior prerrogativa atribuída a esse último grau era a de contribuir para a eleição de um rei.

A palavra de ordem era “Adon” (O).

O novo Profeta podia também, decorrido um certo tempo, ocupar cargos na sociedade, inclusive o de Demiurgo.

### **Das funções e da indumentária**

1 - Demiurgo, chefe inspetor da sociedade, usava um hábito azul celeste, semeado de estrelas bordadas, e um cinto amarelo.

Tinha ao pescoço uma safira cercada de brilhantes, pendente de um cordão de ouro.

Era, ao mesmo tempo, o Juiz supremo de

todo o país.

2 – O Hierofante vestia-se mais ou menos da mesma maneira, com uma única diferença, usava uma cruz sobre o peito.

3 – O Estolista encarregado da purificação dos Recipiendários pela água, usava um hábito branco raiado, e calçado de formato particular.

O vestiário ficava sob sua guarda.

4 – O Hierostolista (secretário) usava uma pena no toucado e segurava um vaso de forma cilíndrica, denominado Canonicon, que continha tinta de escrever.

5- O Tesmóforo era encarregado de dirigir e introduzir os Iniciados.

6 - O Zacoris preenchia as funções de toureiro.

7 – O Komastis cuidava da mesa e dos banquetes. Sob suas ordens ficavam todos os Pastóforos.

8 – O Odos era orador e cantor.

### **Banquetes**

Antes de se sentarem à mesa todos os membros eram obrigados a se lavar.

Não lhes era permitido o vinho, só podiam fazer uso de uma bebida que se assemelhava a nossa cerveja ( P )

Mostravam, conduzindo em torno da mesa, um esqueleto de homem ou um “Butoi” Sarcopeja (Q), figura de ataúde (R).)

O Odos entoava o Maneros, hino que começa com as palavras “O morte! Vem na hora adequada”. Todos os membros faziam coro.

Terminada a refeição todos se retiravam, uns iam se ocupar de seus afazeres, outros entregavam-se a meditação e os demais, em maior número, iam gozar as doçuras do sono, à exceção dos que deviam velar, para introduzir pela Porta dos Deuses (Biranta), os Iniciados do sexto grau, que deviam fazer as observações celestes, esse eram obrigado a ficar acordados durante toda a noite e mesmo a secundar, ou melhor, dirigir os trabalhos astronômicos.

**(continua) Um Iniciado – Gnose outubro 1938.**